ISSN: 1984-8781 - Anais XVIII ENANPUR 2019. Código verificador: **IRCyKOpUMi5Z** verificar autenticidade em: http://anpur.org.br/xviiienanpur/anais

NOSTALGIA E PERMANÊNCIA LENTIDÃO, PASSADO E PRESENTE EM BANANAL-SP

Autores:
Danielle de Moraes Rua João Fonseca dos Santos - UNIVAP - daniellebrandao@outlook.com.br
Valéria Zanetti - UNIVAP - v.zanetti@univap.br
Cilene Gomes - UNIVAP - c.gomes@univap.br

Resumo:

A presente artigo tem por objetivo entender a representação social do passado e do presente que o poder público e os moradores constroem sobre a cidade de Bananal-SP, importante município produtor do café na primeira metade do século XIX que busca, atualmente, com muita dificuldade, pautar-se pelo turismo e o artesanato. Embora o passado histórico tenha forte presença no imaginário coletivo, projetos de desenvolvimento para os municípios diferenciados, e sobretudo pequenas cidades, não levam em consideração o apelo a essa condição. Para discutir essa questão, buscamos pensar o espaço com foco na valorização da cultura, nas interações sociais e na qualidade de vida. A cidade de Bananal possui um ritmo de vida pautado pelas relações sociais, espaços de convivência e por um cotidiano que já não existe mais nas grandes cidades. O slowcitty, movimento com destaque internacional, considera formas específicas de desenvolvimento para cidades pequenas tradicionais, valorizando sua cultura, seu patrimônio histórico e sua maneira de viver, que se contrapõem à rapidez do mundo globalizado. A observação do espaço foi possível por meio de uma “pesquisa etnográfica” e da entrevista com moradores da cidade de Bananal, o que permitiu compreender o ritmo de vida e o cotidiano em uma cidade pequena de ritmo lento, onde as prioridades são as relações e os costumes. Os resultados apontam para a necessidade do diálogo entre o poder público e a população com a promoção de ações que instiguem um planejamento participativo respeitando e fomentando o espírito do lugar.

NOSTALGIA E PERMANÊNCIA

LENTIDÃO, PASSADO E PRESENTE EM BANANAL-SP

A HISTÓRIA DA CIDADE

Na primeira fase de ocupação do Vale do Paraíba, predominava a lavoura de subsistência. A situação mudou a partir do século XIX, quando as produções de açúcar e café, baseadas nas grandes propriedades e no emprego da mão de obra escrava, chegaram à região. A quantidade de terras disponíveis e o clima propício para plantação de café atraíram grandes investimentos e as fazendas do Vale do Paraíba passaram a dar a tônica da organização do espaço. Na época áurea do café, Bananal tornou-se o município cafeeiro mais rico do Estado de São Paulo e o grão produzido era destinado aos países europeus e aos Estados Unidos. Além da produção de café, o município também produzia algodão e outras culturas

Em razão da necessidade de ligar a Capitania de São Paulo à do Rio de Janeiro, em 1725, foram abertos caminhos entre a Serra da Bocaina e o Vale do Paraíba e concedidas treze sesmarias às pessoas que haviam se empenhado no empreendimento (FREITAS, 1981). Bananal se originou de uma dessas sesmarias. Antes de se tornar município, fez parte da Vila de Lorena até o ano de 1816, quando foi criada a Vila de São Miguel de Areias. Somente em 1832 foi elevada ao posto de Vila e, em 1845, elevou-se à categoria de cidade.

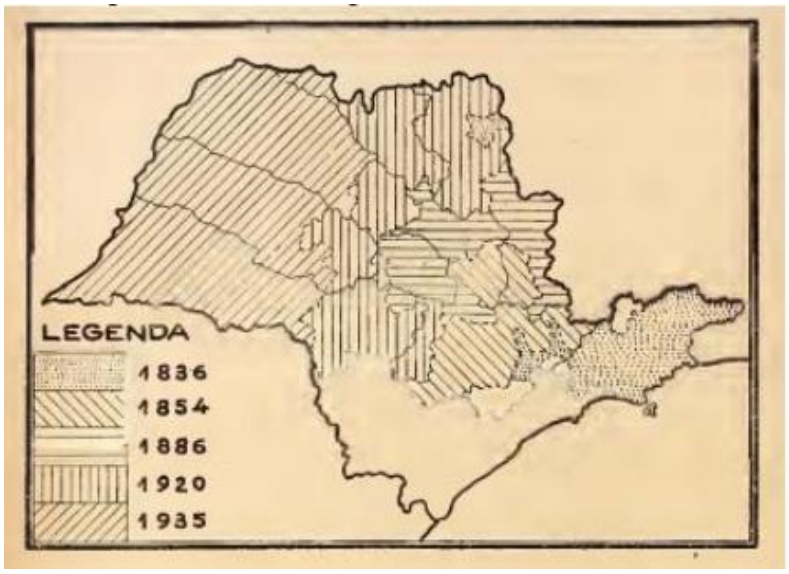
Bananal chegou a possuir moeda própria (Figura 1) e a avalizar empréstimos feitos pelo Brasil para enfrentar a Guerra do Paraguai. As moedas circularam entre o final do século XIX e 1918 com o objetivo de atender o público nas estações de trem e cobrir as folhas de pagamento das fazendas e da estrada de ferro. Estas moedas, cunhadas pelo comendador Domingos Moitinho eram aceitas em Bananal, Barra Mansa e no Rio de Janeiro (BANANAL, 2017, p. 1).

Figura 1- Foto da antiga moeda de Bananal

Fonte: Acervo do autor

No final do século XIX, os barões do café de Bananal admitiam que sua época gloriosa chegava ao fim. O café tomava novo rumo; novos espaços de produção foram formados e a ferrovia, imprescindível para o escoamento do grão, delineava novos trajetos que buscavam, nas terras roxas do oeste do estado de São Paulo, boas condições para manutenção da produção. O novo roteiro do café (Figura 2) deixaria para trás as terras esgotadas de Bananal e do Vale do Paraíba. Antes pujante, a região do café tende a ficar só na memória. O desgaste do solo, produzido pelos modos depredadores de plantio, propiciava a erosão. Nem o iminente fim da mão de obra escrava, anunciado desde 1850, fizera com que os fazendeiros buscassem outra força de trabalho. No Vale do Paraíba Paulista concentrava-se o maior núcleo de resistência às ideias abolicionistas.

Figura 2- Roteiro cronológico do café no estado de São Paulo



Fonte: Milliet, 1941, p. 22.

Os fazendeiros bananalenses, dentre eles o importante Manoel Aguiar Vallim, possuíam não somente a propriedade de escravos, mas também fortunas em terras, ações e apólices da dívida pública (CASTRO; SCHNOOR, 1995, p. 26); contudo, este capital não era investido em novas tecnologias no plantio de café e nem tampouco se cogitava a substituição da mão de obra escrava, já desgastada pela impossibilidade de reposição, devido à proibição do tráfico internacional em 1850.

O apego dos produtores de café dessa região ao trabalho escravo pode ser percebido quando Vallim, considerado um grande empresário do período oitocentista, teve o pedido do título de Barão de Bananal negado em 1859, devido ao seu envolvimento com o tráfego clandestino de escravos no porto do Bracuhy em Angra dos Reis em dezembro de 1852.

As sedes das fazendas, em Bananal, foram inspiradas na linguagem arquitetônica neoclássica. Com elas, argumentam Castro e Schoonor (1995, p. 28), "projetar-se-ia para posterioridade a imagem de poucos senhores com muitos escravos, residindo em verdadeiros palácios, em plena zona rural". Assim se cria uma representação da imagem da cidade de Bananal, sustentada pelos áureos tempos do café do século XIX; representação repleta de suntuosidade que faz com que ainda hoje os prédios da época sejam referência e destaque do local.

As fazendas do século XIX possuíam uma função muito variada. Em um mesmo espaço era necessário morar, produzir e beneficiar o café. Os solares, por sua vez, eram espaços construídos para receber convidados, local de convívio social, repleto de salões de dança e de música.

O solar era um exemplo de modernidade na época, cujas sacadas se abriam para a rua mostrando o poder dos senhores do café. Após o fim da escravidão, o regime político brasileiro mudou e a República se instaurou em 1889. Este fim de século trouxe avanços sociais e políticos no cenário brasileiro.

Bananal, grande expoente produtor do passado, vivia um colapso econômico. Guardadas as devidas proporções, é possível utilizar a metáfora de Thomas Morus no século XVI, ao dizer que os carneiros devoravam os homens (2012, p.3), ao analisar a transição do feudalismo para o capitalismo, com o processo de transformação das terras de cultura em terras de pastagens. Em Bananal e região, as terras antes ocupadas pelo café, passaram a pertencer ao gado. Essa nova cultura exigia menor custo de mão de obra e, a terra desgastada, não aceitava qualquer tipo de plantio; o rendimento, por sua vez, era bem menor do que o trazido pelo café (GAGLIARDI, 2005, p.28).

A cidade deixou para trás seu modo de vida elegante e muitos proprietários foram à ruína. A decadência que se alastrou pelos municípios da região leste do Vale do Paraíba no final do século XIX e início do século XX foi tão grave que foi digna de ser retratada na obra Cidades Mortas de Monteiro Lobato, publicada em 1919, pela Revista Brasil. Lobato (2007) não cita o nome de nenhuma das cidades em seu livro, representando-as por nomes fictícios. Oblivion (esquecimento) e Itaoca (caverna) são protótipos baseados nas cidades valeparaibanas do início do século XX. As caracterizações e indicações geográficas permitem que o leitor reconheça a região (RIBEIRO, 2005, p.27).

O saudosismo está implícito na forma com que os historiadores e genealogistas trataram do passado de Bananal, justamente pelo sentimento de perda de uma grande

riqueza, chegando até mesmo a ser retratado como “período histórico”, que registra o legado que o passado deixou (CASTRO; SCHNOOR, 1995, p.65).

Durante o século XX, a Região do Vale do Paraíba não parou de crescer, muito embora os níveis de crescimento fossem diferentes em suas distintas porções territoriais. De modo geral, os municípios mais próximos à capital paulista tiveram um crescimento mais acentuado, em comparação aos mais distantes. A industrialização na Região do Vale do Paraíba não afetou todas as cidades da mesma forma. A desigualdade desse período pode ser observada por meio da comparação de dados, tais como, número de indústrias, crescimento populacional ou ainda número de operários. Bananal possuía 243 operários na década de 1960, enquanto São José dos Campos, por exemplo, já possuía 8.003 operários na mesma década (MÜLLER, 1969, p.85). O governo estadual promoveu, entre as décadas de 1960 e 1970, um subsídio para compra de terras. Nesta época, a Siderúrgica Barra Mansa e o Grupo Votorantim possuíam terras na região de Bananal. Em 1960, a cidade de Bananal já havia passado por uma remodelação urbana, como mostra o Cartão Postal da cidade utilizado durante o século XX (Figura 3). As áreas rurais apresentavam novos usos, aliados ao turismo e ao lazer, “a exemplo dos meios de hospedagem, Hotel Fazenda Casa Grande, Bocaina Park Hotel, Pousada Planeta Azul da Bocaina, Pousada Brejal na Serra da Bocaina, Fazenda Independência” (GAGLIARDI, 2005, p.55).

Figura 3- Cartão Postal de Bananal no Século XX

Fonte: D'Elboux, 2006.

Em 1982, a antiga rodovia Rio - São Paulo (SP 68) foi renomeada para Rodovia dos Tropeiros. Bananal sofreu uma transformação em sua estrutura urbana, passando de uma cidade agrária para uma Cidade Histórica e, dessa, para uma Estância Turística, segundo a lei estadual nº5519, de 9 de janeiro de 1987. Na década de 1960, a Estação Ferroviária da cidade foi tombada pelo Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico (CONDEPHAAT) e, na década de 1980, outras edificações e monumentos históricos do século XIX foram tombados pelo mesmo órgão ou ainda pelo IPHAN (CÉSAR; STIGLIANO, 2012, p.151).

O tombamento do centro urbano levou em conta a importância histórica da cidade de Bananal e o conjunto urbano de edificações de grande porte e luxo construído na segunda metade do século XIX, representação dos valores da época influenciados pelo estilo neoclássico e pela arquitetura colonial mineira. No projeto de tombamento estabeleceu-se três Graus de proteção aplicáveis às edificações de interesse histórico na cidade, sendo elas: Grau 1 para áreas de interesse de preservação completa, considerados o de maior importância, Grau 2 para áreas de interesse de preservação externa (fachada), considerados de interesse intermediário e Grau 3 para áreas de interesse de preservação da volumetria, de forma que as áreas internas e externas podem ser modificadas (CONDEPHAAT, 1991, p.3).

O documento de tombamento prevê a numeração dos lotes que entram em cada grau de proteção e define a taxa de ocupação, gabarito, largura dos balcões e das janelas voltadas para as avenidas principais da cidade. Antes mesmo da cidade de Bananal iniciar um processo de discussão do Plano Diretor, a nota de tombamento atribuiu um zoneamento à cidade da seguinte forma: Zona Histórica Central, Zonas Residenciais, Zonas de Proteção das Encostas e Zona de Proteção da Várzea e Ribeirinha. É importante ressaltar que neste documento ficou estabelecido um gabarito máximo de dois pavimentos à altura de oito metros do nível da rua (CONDEPHAAT, 1991, p.4).

Devido ao tombamento como patrimônio histórico, permanecem no sitio urbano boa parte da arquitetura colonial. César e Stigliano (2012), com relação à estética da cidade, ressaltaram que a linha Imperial aparece em toda cidade misturada ao Art Deco e à linguagem vitoriana, contudo apesar de misturados, em um estilo Eclético, todos os edifícios foram descaracterizados. “As antigas fazendas do final do século são predominantemente neoclássicas, com forte influência bandeirista em suas plantas, e alguma influência barroca em seus oratórios” (CÉSAR; STIGLIANO, 2012, p. 147).

PEQUENAS CIDADES HISTÓRICAS: LUGARES DE RITMO LENTO

O fenômeno da globalização aproximou e integrou o rural e o urbano de modo que cada vez mais se torna difícil identificar ou delimitar com precisão estes espaços. Para Santos (1996, p.70), estes espaços, que não estão nem completamente no âmbito rural e nem mesmo completamente no meio urbano, são conceituados como híbridos. Para Carneiro (1998, p.1), o ritmo acelerado das mudanças sociais e de trabalho no campo transforma as noções de “urbano” e “rural” em representações sociais que, diferentemente do passado, não são mais distintas, hoje se torna difícil encontrar as fronteiras urbano-rural. Se, no Brasil, a partir do início do século XX medidas modernizadoras na agricultura foram incorporadas no padrão de produção, hoje a definição de espaço rural, transcende a agricultura, engloba formas de lazer, turismo, meios alternativos de vida e pensamento ecológico, o que cria a ampliação das possibilidades de trabalho para a população rural. Estes cidadãos passam então a utilizar de novos meios tecnológicos para construir formas de interrelação urbano-rural sem deixar de preservar suas singularidades (IDEM, 1998, p.5).

O conjunto de textos reunidos no livro “Cidades Mortas” (LOBATO, 2007) são comumente tomadas como retrato da região do Vale do Paraíba - SP. Esta nomenclatura não agradou os moradores da cidade de Areias, local em que o autor foi promotor público de 1907

a 1911 e que assim registrou o município em uma Carta para um amigo: “Areias, tipo de ex majestade decaída, a população de hoje (1921) vive do que Areias foi, fogem da anemia do presente por meio de uma eterna imersão no passado” (LOBATO, 1921, p.33 apud. ALMEIDA, 2005, p.73).

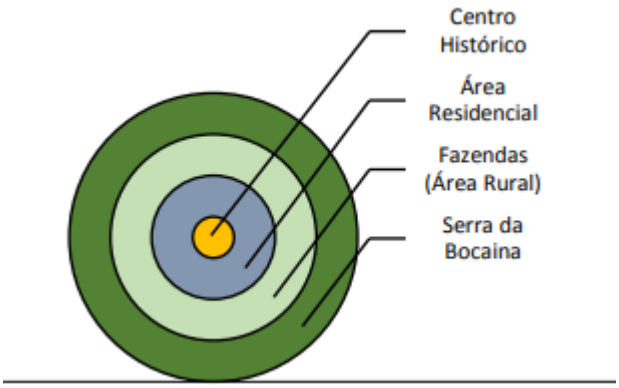
Logo no início do livro, Lobato afirma que “em São Paulo, temos perfeito exemplo disso (do abandono das terras do Vale do Paraíba) na depressão profunda que entorpece as cidades do Fundo do Vale [...] Ali tudo foi e nada é, não se conjugam verbos no presente, tudo é pretérito” (LOBATO, 2007, p. 21). A crítica de Lobato está ligada à contraposição das cidades do interior paulista com a moderna São Paulo (LUCA, 2012, p.9). O autor se encontra decepcionado com a questão das terras desgastadas: “A mãe fecunda nada que o produziu (café), nada coube, por isso, ressentida, vinga-se agora, enclausurando-se numa esterilidade feroz (LOBATO, 2007, p.23).

As cidades do Fundo do Vale se encontravam em um momento de esvaziamento no início do século XX. As fazendas, antes cheias de escravos, barões, visitantes, passam a ser, em 1911, “escórias de soberbo espectro vistas de longe, entristecedoras, quando lhes chega ao pé. Ladeando a casa grande, senzalas vazias e terreiros de pedra [...]” (IDEM, 2007, p.24). Em um dos textos do livro, apesar de não citar o nome da cidade a que se refere, Lobato conta a história de um senhor que insiste em plantar café mesmo com o preço da cultura em baixa.

Com a insistência na plantação e a resistência em se modernizar e explorar novos plantios, o personagem acaba empobrecendo ainda mais (LOBATO, 2007, p.159). Podemos criar uma analogia entre o personagem e a administração das cidades. Em uma decepção com a insistência no passado, o autor critica que, a inflexibilidade a novos tipos de economia, pode gerar a falência.

A maioria das cidades possui um centro histórico, ou seja, espaço “onde a urbe foi fundada e os prédios possuem maior valor histórico” (SOUZA, 2010, p.64). Em cidades maiores, o crescimento urbano modificou os espaços e a relação com o centro. Em Bananal, devido a diversos fatores como a importância histórica da cidade no século XIX, o centro 47 urbano histórico tombado pelo CONDEPHAAT, concentra funções diversas no modelo de organização urbano (Figura 4).

Figura 4 Modelo de Organização Interna da Cidade de Bananal-SP



Fonte: Adaptado de Souza, 2010, p.73.

O turismo cultural conduziu ao ajustamento de diversas cidades, sobretudo daquelas em que o "sentido do passado" (HOBSBAWM, 2003, p. 16) e as raízes históricas permanecem presentes. A questão está no fato de que o patrimônio histórico destas cidades se torna, então, um produto turístico, o principal atrativo do local, o que proporciona itinerários turísticos e culturais (MARUJO; SERRA; BORGES, 2013, p.4).

As cidades históricas estão relacionadas ao passado de um povo e a sua cultura e, por este motivo, o turismo passa a ser um pilar importante na economia destes locais. A riqueza cultural dessas cidades está fortemente relacionada a elementos tangíveis ligados à arquitetura e ao urbanismo local, como a construção de museus, igrejas, monumentos, praças, espaços públicos; contudo não se pode ignorar que elementos intangíveis como o estilo de vida dos habitantes e manifestações culturais são ampliadores da importância turística local.

Desta forma, o fator histórico é um elemento crucial para o desenvolvimento de cidades históricas. Aquilo que fortalece a identidade da cidade de Bananal é de fato aquilo que ela realmente assume ser. Possuidora de patrimônio histórico e ambiental, rica em cultura e forte em sua tradição, tais aspectos se reforçam e permitem reforçar sua identidade e se diferenciar dos centros urbanos que tendem a se tornar reproduções de modelos urbanos de referências globais. Desta forma, o fortalecimento de referências locais, como acontece na cidade de Bananal, pode contribuir para o reforço da identidade e pode ser o grito de guerra das comunidades que desejam ser enxergadas (BAUMAN, 2005, p.21).

A identidade de Bananal, fortalecida pelo fato dela ser possuidora de um patrimônio histórico e ambiental, diferenciando-a de centros urbanos que tendem a reproduzir modelos e referências globais, sendo assim, a pequena cidade possui micro relações bem como ocorrem nos bairros antigos das grandes metrópoles e desta forma o clamor por um espírito local embebido em memórias pode ser mais um esforço de integração à economia global, através do local, e não apenas uma declaração de resistência. As estruturas e formas espaciais das pequenas cidades de hoje são diferentes das que ocorriam no século XIX ou XX, por este motivo é que a representação social se torna importante para compreender as relações atuais. O espaço e o tempo nas pequenas cidades apresentam heranças e potencialidades (CORRÊA, 2011, p.5), compreender a lógica das pequenas cidades históricas significa constituir motivação para novas pesquisas sobre o assunto e desdobramentos na questão de tipos ideais ou sustentáveis para estes modelos de cidade.

O tempo da vida social urbana atual tem recebido denominações e interpretações diversas para exprimir a velocidade dos acontecimentos que o organizam. Bauman (2010) fala em "modernidade líquida" para se referir ao caráter cambiante e fluido do tempo social orientado pela lógica de uma economia e sociedade voltadas para o consumo, pela aceleração da compra e venda de produtos. A realidade dos ritmos lentos, no caso do Brasil, afina-se com a condição de vida da chamada "nação passiva", formada pela maior parte da população, "dotada de um dinamismo próprio, autêntico, fundado em sua própria existência" (SANTOS, 2000, p. 158), e que mantém "relações de simbiose com o entorno imediato, relações cotidianas que criam, espontaneamente, e à contracorrente, uma cultura própria", que podem ser a base sólida para a produção de outra política (IDEM, p. 157).

Essa contradição, inerente ao tempo social contemporâneo, implica diretamente nas defasagens do desenvolvimento social e da organização do espaço urbano e regional, em todas as suas escalas e, particularmente, das pequenas cidades como Bananal. Nesse contexto, ganha força no debate acadêmico a possibilidade de reconstrução do lugar social associada a iniciativas e estilos de vida genuínos e diferenciados que prezam a qualidade da vida social e o fundamento cultural do desenvolvimento urbano.

O modelo *Cittaslow* emerge e se difunde nos últimos dois decênios como uma das respostas e possíveis formas de resistência à ditadura do tempo social imposto pelas demandas da acumulação de capital, o tempo despótico do consumismo, da competitividade excludente e homogeneidade dos modos de vida.

O *Slow Movement* é "uma revolução cultural que se destina a combater a noção de que a rapidez é o melhor caminho" (BATISTA et al., 2013, p.31). Propaga a ideia, no plano da vida individual, de um ritmo de vida mais lento, que privilegia o "viver a vida" com mais bem-estar, o desenvolvimento pessoal e comunitário e um ambiente com mais qualidade. Beneficia a interação social e a vivência mais plena da cidade (RASDTROM, 2011). Inspirado no movimento *Slow Food* – que foi uma reação ao consumo de massa e à velocidade da vida contemporânea, e que valoriza a alimentação e o convívio a ela associado, bem como os produtos e cozinhas tradicionais locais –, o *Slow City*, ou *Cittaslow* surge como uma aplicação ao ambiente urbano, cuja operação se dá em um espectro mais amplo de atividades e no nível político do desenvolvimento urbano e da cidade. Descrito inicialmente como um movimento, com sua filosofia e propósitos, configura-se, objetivamente, enquanto uma organização de pequenas cidades de adesão voluntária, que ultrapassa fronteiras culturais e de identidade, e cujas práticas se apoiam nesta base filosófica e de objetivos comuns (RASDTROM, 2011).

Esse mesmo movimento, que hoje mobiliza mais de duas centenas de cidades de diferentes países e continentes, teve início na Itália em 1999, quando Paolo Saturnini organizou um encontro com mais três prefeitos para definir os atributos da *Cittaslow* e quando foi firmado um acordo de comprometimento para proteção de tradições, paisagens e singularidades das comunidades urbano-rurais italianas (CARVALHO, 2015; KNOX, 2005). O fenômeno cultural *Cittaslow* contrapõe-se à velocidade e uniformidade do mundo globalizado e ao mesmo tempo utiliza-se do melhor que a instrumentaliza. A difusão rápida de seu ideário e a formação de uma ampla rede de cidades, voltadas a garantir sua implantação, tornam-se viáveis graças à transmissão instantânea de informações e das comunicações em tempo real.

Grzelak-Kostulsk, Holowiecka e Kwiatkowski (2011) apresentam o movimento como visão alternativa para o desenvolvimento trazendo a seguinte indagação: qual o lugar de uma comunidade local no mundo contemporâneo? Valorizar e preservar a natureza única do lugar e a mais alta qualidade de vida de seus habitantes são princípios primordiais afinados à história e cultura locais, ao desenvolvimento sustentável, ao uso de novas tecnologias e ao desenho urbano mais favorável ao encontro e convívio humanos e à harmonia com a natureza. Na abordagem de Radstrom (2011), o caso da Cittaslow é analisado em sua busca de reconhecer e sustentar o sentido do lugar e a identidade inerente a cada área urbana que funda a construção deste sentido e representa os atributos únicos de uma distinta cultura, de seus habitantes e suas paisagens. Na contramão da homogeneização da identidade urbana, a filosofia do Cittaslow respeita ao que melhor fundamenta e distingue a identidade local, sua história, tradições e cultura, sem deixar de contemplar a real perspectiva de evolução do lugar e sua realidade cada vez mais conectada ao mundo. Na linha de resistência às racionalidades

da sociedade de consumo, valores e identidades de massa, Knox (2005) traz a discussão sobre a subversão da autenticidade do lugar, quando o habitat, enquanto construção social do lugar, e as paisagens urbanas trazem evidências de "utopias degenerativas" do capitalismo global, de perda de qualidades inerentes à cultura local, o que o movimento *Cittaslow* se propõe a resgatar, em vista da revitalização do desenvolvimento e da vida comunitária. O mesmo autor destaca ainda a importância da intersubjetividade no processo de construção social do lugar, ressaltando que a natureza e frequência de encontros cotidianos e o compartilhamento de experiências dependem dos atributos dos espaços concebidos no plano de conjunto do desenho urbano. Em contraposição à era líquido-moderna (BAUMAN, 2007), de relações frágeis e virtuais entre as pessoas, nos diferentes grupos de convívio, não apenas o *Cittaslow* destaca o protagonismo comunitário (RUSCHEL, 2012) no contexto das relações dos habitantes com a sociedade, cultura e território local, como também encerra a preocupação com o redesenho dos espaços públicos para as vivências *slow* (VILAS BOAS, 2015). Este movimento pode contribuir para o desenvolvimento de uma pequena cidade, uma vez que aí, supostamente, seria relativamente mais simples o processo de restauração e/ou fortalecimento das relações interpessoais e comunitárias, no propósito da dinamização da vida econômica, política e cultural, e da reeducação para relações mais conscientes com a natureza (ecossistemas), o espaço construído local e o mundo extra local. Nessa questão das políticas ou planejamento do desenvolvimento local, a rede internacional de cidades, que já aderiram ao movimento *Cittaslow*, cumpre seu propósito de promover e difundir o alinhamento com a cultura do bem viver. O *Cittaslow* é uma organização não governamental, com estatuto próprio e sede na cidade de Orvieto na Itália, estando presente em cerca de 200 cidades de 30 países no total, dentre eles, Austrália, Canadá, China, Colômbia, Dinamarca, França, Alemanha, Itália, Polônia, Espanha, Estados Unidos e Turquia (CITTASLOW, 2016). Segundo Knox (2005), embora não existisse ainda nenhuma cidade brasileira na rede *Cittaslow*, Antonio Prado (RS) e Tiradentes (MG) já teriam manifestado seu interesse, buscado certificações mediante desenvolvimento de projetos piloto. A carta régia da organização *Cittaslow* Internacional (GRZELAK-KOSTULSK; HOŁOWIECKA; KWIATKOWSKI, 2011) discrimina, em artigos e parágrafos, suas orientações, bases de funcionamento e requerimentos para a aceitação de cidades candidatas, bem como para a continuidade de envolvimento das cidades integrantes no desenvolvimento de iniciativas e projetos propostos em conjunto. A organização é dirigida por representantes de cidades eleitos em assembleia. Nas palavras de Radstrom (2011), a face visível da organização delineia-se pelos seis principais eixos da política de desenvolvimento das cidades lentas apresentados na Carta Régia: 1. Políticas ambientais; 2. Políticas de infraestrutura; 3. Tecnologias e facilidades para a qualidade urbana; 4. Salvaguarda de produção autóctone; 5. Consciência; e 6. Hospitalidade. Somente podem se candidatar à rede cidades com menos de 50 mil habitantes que já possuem uma vocação para o estilo de vida lento ou engajamento em ações afinadas aos princípios do *Cittaslow*. A cidade que se candidata a participar do *Cittaslow* precisa pagar uma taxa de adesão que varia conforme seu porte populacional. A partir daí, recebe visita de membros responsáveis pela organização para análise dos requisitos exigidos e treinamentos locais e, se aprovada, ou quando aprovada, assumirá compromissos e metas de qualidade, aderindo a políticas e projetos de desenvolvimento, e ainda, poderá usufruir de iniciativas e práticas compartilhadas e utilizar o seu símbolo. Além disso, as cidades participantes são inspecionadas a cada quatro anos para certificação de que a cidade continua a seguir os padrões do movimento (FERREIRA, 2015). Como analisa Carvalho (2015), o empenho do

governo local somado à adesão popular é que vão determinar o sucesso da proposta. Os "lugares lentos", fundada em "relações sociais baseadas na proximidade e na percepção coletiva de um destino econômico-cultural particular" passam a ser vistos como resistência a este movimento unificador. Cabe pensar a questão da resiliência decorrente da ameaça do caos, uma vez que a aceleração do tempo e a destruição de tudo que é sólido como mediação entre os agentes sociais, ameaça o próprio significado do indivíduo. Neste caso, os lugares lentos, como lugares de memória, servem como referência identitária para a sociedade por criar ou reencontrar a relação mágica e afetiva, onde o indivíduo possa projetar as "impurezas" de um tempo perdido, o significado passa a ser uma relação dialética entre preservação e mudança; a valorização da memória "de" passa a ser vista como a memória "para", acelerando um processo de dissintonia seletiva entre o vivido e o desejado que talvez conduza a uma apropriação da memória como representação (uma metamemória) por alguns segmentos da sociedade local em detrimento de outros. Essa seletividade seria certamente resultante de um acordo de interesses entre o desejo projetado no local e o desejo local de inserção na sociedade envolvente, processo que encontra necessariamente resistências entre os excluídos deste acordo e pode vir a ser um fato de desagregação da unidade de memória pretendido.

Para Canevacci (2004, p.43), a cidade é o lugar do olhar e, por este motivo, ela necessita de uma comunicação visual eficiente. Olhar tem um duplo significado para o autor, o de ver e de ser visto e, neste sentido, a comunicação urbana estende a forma de pensar, de sentir e de agir O visual pode ser o objeto e método de uma pesquisa que busca entender a Representação do Espaço Vivido (LEFEBVRE, 2000, p.23), já que o visual é um meio de interpretação das diferentes faces do meio urbano de forma que o objetivo é compreender a linguagem dos signos (CANEVACCI, 2004, p. 44).

Neste estudo, assim como em outros que abordam a representação social, a nossa interpretação da paisagem está associada à construção do olhar, primeiramente pela perspectiva de um exercício antropológico, que prima pela descrição dos fenômenos culturais polissêmicos, e depois pela abordagem psicossocial de uma representação do lugar estável e organizado no âmbito das sociedades.

Nosso estudo é um exercício convergente com uma proposta efetivamente multidisciplinar, mas apresenta um percurso etnográfico em sua forma de composição porque, sem dúvida, baseia-se no contato intersubjetivo de uma antropóloga com um objeto social sustentado por fronteiras de valores e pela subjetivação/objetivação das relações simbólicas (AMARAL, 2014, p.7).

Por meio de três visitas técnicas ao local e da observação de imagens da paisagem urbana com o uso da observação participante inspirada no método etnográfico com auxílio do Google Earth, pode-se observar a paisagem urbana e a relação da representação social com a produção do espaço urbano.

O método etnográfico incorpora dos atores sociais para incluir pontos de vista de diversos segmentos da sociedade, ajudando a compreender a dinâmica da cidade para além do olhar quantitativo (MAGNANI, 2006, p. 2). Este método, de caráter antropológico, inclui a inserção do pesquisador no campo para a coleta e a anotação dos fatos em um "diário", além do registro fotográfico, entrevistas e outras formas de obtenção de dados do cotidiano urbano. Existem diversas modalidades de etnografia, algumas incluem somente a passagem

por diversas áreas da cidade, outras, incluem a participação do pesquisador na rotina dos moradores. A modalidade escolhida para esta pesquisa inclui o registro de áudio, descrição e fotografia dos “Lugares Sociais”, conforme descritos por Jovchelovitch (1994, p.20) como sendo os “locais onde as pessoas entram para conversar, argumentar ou discutir o cotidiano”. Esta etapa incluiu o levantamento fotográfico de imagens que comprovam a ocorrência da promoção da cidade em sua paisagem. Estes dados são considerados neste trabalho uma fonte de informação sobre a prática administrativa municipal.

O método antropológico utilizado neste trabalho utiliza o conceito estudado por Magnani (2006, p.6), voltado para o campo do planejamento urbano cuja etnografia é considerada uma forma de pesquisa em que o pesquisador necessita estar inserido no campo para a coleta e anotação dos fatos em um “diário”, complementado ao registro fotográfico, às entrevistas e outras formas de retenção do cotidiano urbano.

Para Magnani (2006, p.7), a “pesquisa etnográfica” é um estudo antropológico que deve ser feito “de perto e de dento” a partir dos arranjos desenvolvidos pelos atores sociais e sua atuação na estrutura urbana. A proposta deste “estudo etnográfico” deve compreender a cidade em sua totalidade empírica, capaz de possuir padrões, recortes espaciais e paisagens que evocam laços de pertencimento (IDEM, p. 25). A “pesquisa etnográfica” aqui inclui o registro de áudio, descrição e levantamento fotográfico de imagens que justifiquem a ocorrência da promoção da cidade implícita em sua paisagem e dos “lugares sociais” onde ocorre a promoção da Representação Social (JOVCHELOVITCH, 1994, p. 64). A sensação climática na cidade, em todas as visitas realizadas, era de muito calor; isso se devia, em parte, às constantes queimadas, por motivos aparentemente naturais, colocando em risco o patrimônio arquitetônico urbano e a identidade local.

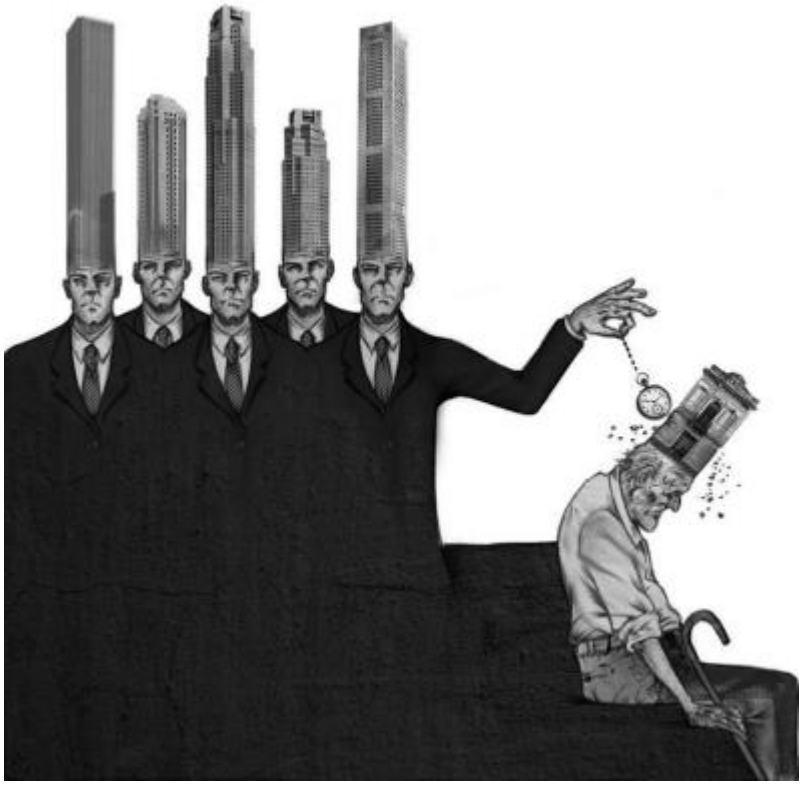
Hobsbawm (2003) afirma que o passado é uma dimensão permanente da consciência humana. Para o autor, o passado formalizado se torna mais rígido à medida que se torna um padrão para o presente. O desejo dos moradores de transformar o solar histórico em museu demonstra que existe um apego e um orgulho do passado. A representação que se tem das cidades históricas, como Bananal, permanece presente na identidade da população. De acordo com as falas dos entrevistados, cada espaço histórico na cidade possui um valor inestimável que deveria ser valorizado.

Hobsbawm nos permite entender o porquê dessa relação, sobretudo ao dizer: “quando a mudança social acelera ou transforma a sociedade para além de um certo ponto, o passado deve cessar de ser um padrão do presente, e pode, no máximo, tornar-se um modelo para o mesmo” (HOBSBAWM, 2003, p, 22).

Se essa exegese é verdadeira, é preciso estar atento para o mito de que o presente deve reproduzir o passado, pois a sociedade não é imutável, por mais que a cidade pareça congelada no tempo. Desde a derrocada do café no final do século XIX, Bananal procurou outras bases de sustentação, como o artesanato, a produção de cachaça e, a partir da década de 1960, o turismo. Ao contrário de algumas cidades que se projetam sustentadas no apagamento de seu passado (ZANETTI, 2008, p.26), em Bananal, este ainda não deixou de ser reconhecido como modelo e referência para a cidade, especialmente após sua consolidação como Estância Turística em 1986 e o tombamento de seu patrimônio histórico pelo CONDEPHAAT.

A obra do artista portenho Al Marguen (Figura 5) enfatiza rejeição do passado expressa por Bauman (2003, p.29).

Figura 5- A rejeição do passado



Fonte: Marguen, 2017

Destacada no site da cidade, a Igreja, símbolo do centro tombado, imagem oficial difundida para propagar a riqueza da cidade, esse elemento arquitetônico urbano não teve relevância na fala dos cidadãos. No caminho entre o Solar e a Igreja Matriz, é possível notar os contrastes entre o novo e o antigo. As lojas oferecem artesanatos locais em prédios antigos de valor histórico. Os comerciantes procuram formas de destacar o espaço de acordo com suas convicções estéticas, acrescentando cores chamativas em forma de pintura aos prédios históricos. Próxima à Igreja Matriz de Bom Jesus do Livramento, pode-se observar a antiga "Pharmacia", modificada para os padrões de um estabelecimento comum do século XX. Entre os anos de 2011 a 2014, a farmácia, importante ícone do passado, esteve desativada por algum tempo e seus antigos utensílios do passado foram leiloados (SALES, 2012, p.1).

Inaugurada em 1830, com o nome de Pharmacia Imperial, em 1889, o estabelecimento passou a ser chamado de Pharmacia Popular, por ser ponto de encontro dos republicanos. Ali, os fregueses discutiam o rumo da política local, enquanto aguardavam a produção dos medicamentos. Por este motivo, a farmácia passou a ser chamada de "Senadinho" (SALES, 2012, p.1). Após 96 anos pertencendo à família "Graça", o prédio foi vendido para a família "Melo Valim" e, em outubro de 2014, a antiga Pharmacia foi reativada com uma nova proposta, de venda de cosméticos e remédios convencionais.

Cabe ressaltar que a venda do acervo e do espaço é comentado, por aqueles que trabalham no local, como uma decorrência da falta de políticas públicas que incentivem a preservação do patrimônio histórico regional. As famílias que por ideal ou motivação própria tentam manter edifícios e objetos que preservem a memória local, o realizam com recursos próprios e limitados, o se torna muitas vezes inviável. As encomendas de crochê, artesanato de destaque na cidade de Bananal, também fortalecem as relações interestaduais. Na loja de crochê, as redes, cortinas de tear e doces de frutas vêm de Minas. Em Bananal, a arte de Barbante se tornou produto típico produzido por duas tecelagens, a Telearte e a Ercília. A técnica de crochê da cidade, criada por Dona Laurinha, tem características diferentes das de outros locais, o que permitiu à artesã ganhar destaque e empregar mais de 200 pessoas na década de 1970.

Em Bananal há ainda um contraste entre o centro antigo e os novos bairros que foram se instalando. O Bairro Vila Boa Vista é um exemplo. Nele estão abrigadas as lojas da Telearte, produtora de barbantes e artes em crochê e a Associação Rendas do Amanhã. Fundada em 2008, “a Associação de Rendas do Amanhã é um projeto cujo objetivo é a geração de renda para pessoas que se encontram a margem da cadeira produtiva” (ASSOCIAÇÃO RENDAS DO AMANHÃ, 2016).

Os produtos criados na associação, que emprega mais de 70 artesãos, são vendidos na cidade, em site da empresa e exportados para a França e para a Inglaterra. A associação busca divulgar seus produtos por meio da internet e de feiras expositoras como a Craft Design, feira de negócios paulistana localizada no bairro da Consolação em São Paulo que acontece semestralmente com o intuito de colaborar com a promoção de talentos e integração de profissionais da decoração, design e arte (BANANAL, 2017, p.3).

Os bairros mais distantes do perímetro urbano de Bananal, foram formados a partir de antigas fazendas desmembradas cujos terrenos foram loteados, com o fim do período de pujança do café. Muitas pessoas trabalhavam na indústria da cerâmica, próxima ao portal da cidade, que encerrou seus serviços em 2001.

O fechamento da cerâmica provocou migração dos moradores para outros lugares. No entanto, a ligação com o espaço levou a que muitos desses antigos moradores mantivessem residência na cidade. No Carnaval, a cidade de Bananal recebe além dos antigos moradores, diversos turistas, chegando a esgotar as vagas dos hotéis.

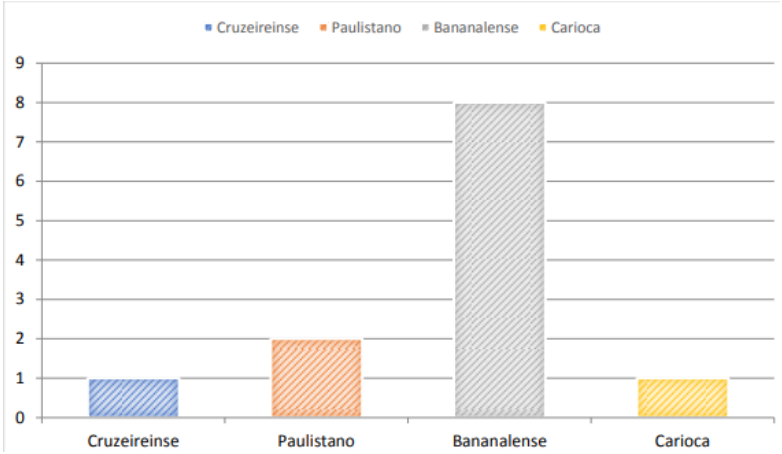
É possível notar o interesse dos cidadãos na melhoria do centro histórico. O Solar Manoel Aguiar Valim reúne os cidadãos que integram a sociedade civil e a classe dos artesãos. As pessoas, guardiãs da memória, suas histórias, as memórias dos espaços, compõem o elo que dá sentido à identidade do lugar, patrimônio histórico ressignificado que gera renda e melhorias para o município. Bananal, apesar de ser um município paulista, promove pouca proximidade com os municípios do estado. Falas de moradores sobre o movimento pendular registram a frequência 77 dos deslocamentos realizados entre Bananal e os municípios fluminenses, por condicionados ao estudo ou ao trabalho.

A Cidade Vivenciada

A pesquisa realizada com 10 munícipes teve como objetivo identificar a representação da imagem da cidade no aspecto social e quais os elementos das paisagens com que a população possui maior identificação e, assim, contribui e influencia no cotidiano urbano. A escolha desses entrevistados indicados foi feita de forma a conseguir uma maior diversidade de categorias sociais.

A maioria dos entrevistados nasceu na cidade de Bananal, sendo que 30% deles já haviam residido em alguma outra cidade por algum tempo antes de voltar para sua cidade natal. O Gráfico 1 mostra o local de origem dos entrevistados.

Gráfico 1 – Local de Origem dos Entrevistados



Fonte: Autora.

A faixa etária dos entrevistados varia de 26 a 86 anos e, apesar deste aspecto significar uma grande variedade de vivências em diferentes épocas da cidade de Bananal, o ponto determinante para a escolha dos entrevistados foi a diversificação dos segmentos que estes representam. Dividiram-se os entrevistados em quatro grupos de interesse sendo: artesãos, empreendedores, administração pública e moradores. No grupo de artesãos incluiu-se todo aquele que possui algum vínculo com o artesanato da cidade; no grupo de empreendedores foram incluídos os fazendeiros, os donos de hotel-fazenda ou ainda representantes religiosos, categorizados desta forma nesta pesquisa devido a promoção de festas e a grande quantidade de posse de terras; o grupo de administração pública abrangeu todos os funcionários ligados à prefeitura e, no grupo dos moradores, foram inseridos representantes dos demais habitantes da cidade. Esta divisão resultou em uma distinção de segmentos.

O estudo das Representações Sociais, visando entender representação social da cidade de Bananal-SP resultou em um ensaio seguindo a metodologia dos Fluxogramas de Spink (2004). A composição dos gráficos seguiu criteriosamente as etapas sugeridas por Spink (2004), descritas na metodologia. A aplicação da entrevista forneceu dados sobre a imagem

que o morador faz de sua cidade e nos permitiu perceber se esta visão reforça ou não o discurso divulgado pelos órgãos oficiais.

Para a realização das entrevistas foi utilizado o método qualitativo utilizando um roteiro com perguntas abertas. As entrevistas foram feitas durante as visitas técnicas à cidade estudada e sua realização ocorreu na casa do entrevistado, em lojas, praças, entre outros locais considerados apropriados pelos entrevistados. Para a realização desta pesquisa, foram elaboradas oito perguntas abertas, baseadas nas questões utilizadas por Lynch (1997, p.15), com possibilidade de justificativa de resposta (o questionário consta em documento anexo – ANEXO 2).

As questões tiveram o intuito de identificar qual o tempo de convivência do entrevistado na cidade, sua origem, quais os elementos da paisagem urbana com os quais a população possui maior afinidade e quais os espaços que esta população identifica como de maior importância para a cidade.

Utilizou-se do recurso do uso da imagem na entrevista, solicitando que o entrevistado identificasse a imagem e classificasse a sua importância de acordo com suas experiências pessoais. A entrevista foi realizada com moradores de diferentes regiões da cidade e segmentos sociais, sendo esta escolha crucial para determinar se a localização da moradia interfere na percepção do morador sobre a cidade.

Foram entrevistados 10 moradores da cidade de Bananal-SP escolhidos pelo método "bola de neve" (VINUTO, 2016, p.3); este método utiliza da escolha de documentos ou informantes-chave nomeados de sementes para localizar outras pessoas com o perfil necessário para serem entrevistados. As sementes ajudam o pesquisador pois utilizam de sua própria rede pessoal para formar a amostragem. Este método, apesar de bastante utilizado, ainda não é demasiadamente discutido

É difícil separar em grupos exatos cada entrevistado desta pesquisa, pois vários deles possuem mais de uma função, embora todos sejam moradores da cidade, muitos artesãos são também comerciantes, muitos fazendeiros também são comerciantes e o representante religioso também representa interesses comerciais na cidade, por este motivo foi representado da mesma forma que os demais deste grupo.

Entretanto, foi feita uma divisão entre os diferentes grupos determinando a separação de acordo com a quantidade de tempo no dia que o entrevistado exercia cada função.

Para a escolha da amostragem, foi levado em consideração o local de moradia do entrevistado, buscando privilegiar diferentes setores da sociedade, seja por classe social, área de atuação ou região geográfica. A quantidade de pessoas entrevistas foi escolhida levando-se em consideração a amostragem feita por Kevin Lynch (1997) para as cidades de Los Angeles e Jersey City, na década de 1960.

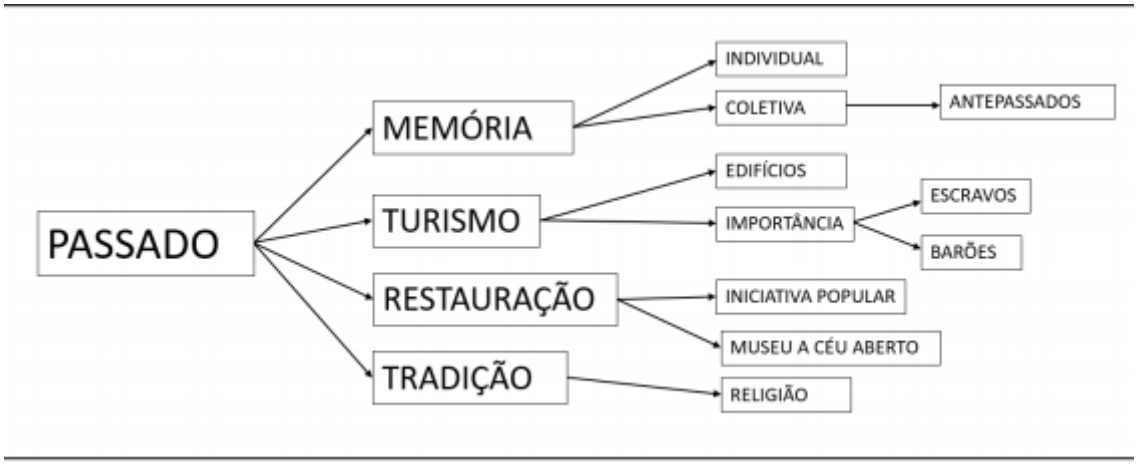
Durante as entrevistas, é perceptível a importância do passado da cidade para os moradores. Para Hobsbawm (2003, p.38), o presente não deve ser uma cópia do passado, nem mesmo deve-se tomá-lo como modelo de forma não operacional. O passado não pode ser plenamente restaurado.

Quando se tenta restaurá-lo, o que se tem é uma história fabricada, em que se passa a fabricar elementos de um passado imaginado (IDEM, 1997, p.28). Para sociedades atreladas ao passado, "paradoxalmente, o passado continua a ser a ferramenta analítica mais útil para

lidar com a mudança constante, mas de uma nova forma" (IBIDEM, 1997, p.28). O passado é ressignificado, passa a fazer sentido, podendo ser utilizado para promoção da economia da cidade por exemplo.

A partir da entrevista, foi elaborado um mapa conceitual sobre o passado (Figura 6) que indica os temas emergentes a partir das respostas sobre o passado da cidade de Bananal-SP.

Figura 6- Mapa Conceitual sobre o passado de Bananal



Fonte: Autora. (Produzido a partir das entrevistas com moradores de Bananal-SP)

O tempo que tem sido um problema e uma solução em diversos aspectos: perdas, saudade, a falta de tempo diária para conseguir cumprir todo o necessário e principalmente a falta de tempo para se dar um tempo livre. Quanto maior a quantidade de atribuições diárias, maior a sensação de que o tempo está passando muito rápido.

O tempo pode ensinar ensinado que não dá tempo de fazer tudo. Há tempo apenas de escolher prioridades e fazer as atividades principais, ou nem sempre principais, mas urgentes. O que não é trazido como urgente ou prioritário vai ficando para trás e muitas vezes se torna um problema, um depósito de bagunça e amontoados que ficam para quando houver tiver tempo.

Além disso ainda há a necessidade pessoal de se dedicar algum tempo para família e para os amigos. O tempo é algo precioso, algo que não podemos desperdiçar, pois ele não volta.

Isso me faz pensar novamente nas prioridades. O que é bem complicado visto que as tecnologias atuais, como exemplo as redes sociais e aplicativos de conversa, nos fazem perder este precioso tempo sem mesmo sentir que estamos o deixando escorrer pelas mãos.

Para não deixar que ele passe sem a gente sentir, precisamos estabelecer de forma clara quais são as prioridades. Isso pode ser difícil a longo prazo, mas precisamos pensar em um passo de cada vez. Planejando o dia de hoje, os afazeres da semana, os afazeres do mês. Planejando um tempo para descanso, planejando um tempo para as pessoas.

Precisamos então de um tempo para planejar. E se necessário, de um tempo para replanejar.

Planejar pode otimizar um tempo de nossas vidas, nos fazer sentir mais produtivos e por fim mais tranquilos e felizes.

Bananal nos traz uma reflexão sobre o tempo, onde presente e passado se misturam e se confundem na representação social, e nos fazem refletir se na cidade há este planejamento sobre o tempo, ou se a prioridade é o passado que reina no imaginário popular.

Considerações

Historicamente, as cidades brasileiras têm assumido modelos importados de desenvolvimento econômico e urbano acreditando serem as melhores opções para desencadear modernizações e encontrar soluções para os problemas de períodos difíceis enfrentados no país. Contudo, temos atestado o agravamento de muitos problemas, tais como aqueles ligados às disparidades sócio espaciais, pois tais modelos transpostos não funcionariam de forma automática em todos os lugares, sobretudo em contextos politicamente dependentes e culturalmente diversos. É necessário o entendimento e avaliação da dinâmica sócio espacial de Bananal, de suas atividades motoras e bases da identidade local, suas potencialidades para o desenvolvimento e a integração no contexto regional.

O que fortalece a identidade da cidade de Bananal é de fato aquilo que ela realmente assume ser. Possuidora de patrimônio histórico e ambiental, rica em cultura e forte em suas tradições, tais aspectos se reforçam e permitem firmar sua identidade diferenciando-se de centros urbanos que tendem a reproduzir modelos urbanos com referências globais. A criação e o fortalecimento de identidades locais, estabelecidos pela população da cidade e reafirmados pelo poder público, junto aos meios financeiros também obtidos conjuntamente, podem contribuir para novos posicionamentos e compromissos políticos diante de tendências homogeneizadoras.

O ritmo lento está presente em diversas descrições de Bananal e a relação da cidade com o passado pode orientar o processo de sua ressignificação e seu desenvolvimento. Na cidade e seus arredores, a história está presente em todo lugar, em sua arquitetura, que mistura elementos neoclássicos e coloniais, nos casarões de fazendas em área rural, e na sua visitação turística que, para Gagliardi (2005, p. 8), ao valorizar a relação senhorial do período colonial ou do tempo do café, fortalece ainda mais a história da exclusão social.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, João Gabriel Roda de. O ingrato promotor de Oblivion: A memória da cidade de Areias acerca de Monteiro Lobato. Mestrado (História). Rio de Janeiro: UERJ, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 2005.

AMARAL SILVA, Margarida. Paisagem, Experiência e Representações Sociais: o olhar etnográfico para um fenômeno de cultura1. Trabalho apresentado na 29ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 03 e 06 de agosto de 2014, Natal/RN.

ASSOCIAÇÃO RENDAS DO AMANHÃ. A associação, 2016. Disponível em < http://www.rendasdoamanha.com.br/empresa> Acesso em 15 de novembro de 2016

BAUMAN, Z. Identidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

CANEVACCI, Massimo. A cidade polifônica: ensaio sobre a antropologia da comunicação urbana. Studio Nobel, 1993.

CARVALHO, R. M. R. de. Cittaslow: vida lenta e sustentabilidade nas cidades do bem viver. Cidades Verdes, v. 3, n. 7, 2015.

CASTRO, Hebe Maria Mattos de; SCHNOOR, Eduardo. Resgate: uma janela para o oitocentos. Rio de Janeiro: Topbooks, p. 227, 1995.

CÉSAR, P. A. B.; STIGLIANO, B. V. Patrimônio rural e sua relação entre o local e o visitante: um estudo de Bananal (SP). Rosa dos Ventos - Turismo e Hospitalidade, 4(2), 24-45, 2012.

CITTASLOW. Disponível em: <http://www.cittaslow.org/section/association>. Acesso em: 05 de maio de 2016.

CONDEPHAAT. 2017. Disponível em <http://www.infopatrimonio.org/wp-content/uploads/2013/12/Res.-03-de-15.02.91-DOE-16.02.91-pgs.-18-e-19.pdf> Acesso em 24 de agosto de 2017.

CORRÊA, Roberto Lobato. As pequenas cidades na confluência do urbano e do rural. GEOUSP: Espaço e Tempo (Online), n. 30, p. 5-12, 2011.

FREITAS, Maria Aparecida Rezende Gouveia. Bananal: cidade histórica, berço do café. M. Ohno/Roswitha Kempf, 1981.

GAGLIARDI, Clarissa Maria Rosa. As cidades do meu tempo: a experiência do turismo em Bananal-SP. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica (PUC-SP), São Paulo, 2005.

GAGLIARDI, Clarissa Maria Rosa. Plano de Desenvolvimento Turístico Municipal de Bananal. USP E PREFEITURA MUNICIPAL DE BANANAL 2017. Disponível em <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4046631/mod_resource/content/1/PDTM%20-%20Bananal%202017.pdf>Acesso em 6 de novembro de 2017.

HOBSBAWM, Eric. Sobre história. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

IBGE. Censo 2010. Disponível em <IBGE http://cidades.ibge.gov.br/painel/painel.php?codmun=350490> Acesso em 03 de março de 2017.

JODELET, Denise. Representações sociais: um domínio em expansão. In: JODELET, D. (Org.). As representações sociais. Paris: PUF, 1989. p. 31-61.

JOVCHELOVITCH, Sandra. "Vivendo a vida com os outros: intersubjetividade, espaço público e representações sociais." Textos em representações sociais 5 (1994): 63-85.

LEFEBVRE, Henri. A produção do espaço. Trad. Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins (do original: La production de l'espace. 4e éd. Paris: Éditions Anthropos, 2000).

LOBATO, José Bento Monteiro. Cidades mortas. Porto Alegre: Globo, 2007.

LUCA, Tania Regina. Monteiro Lobato e a metáfora das Cidades mortas. Remate de Males, v. 27, n. 1, 2012.

LYNCH, Kevin, and Jefferson Luiz Camargo. A imagem da cidade. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. Asociação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais, 2006.

MARUJO, Noémi; SERRA, Jaime; BORGES, M. Turismo cultural em cidades históricas: a cidade de Évora e as motivações do turista cultural. TURyDES–Revista de Investigación en Turismo y Desarrollo Local, v. 6, n. 14, p. 1-10, 2013.

MILLIET, Sérgio et al. Roteiro do café. São Paulo, 1941.

MORUS, Tomás. A Utopia.(1516) Trad. Paulo Neves. Porto Alegre: L&PM, 2012.

MOSCOVICI, Serge. La psychanalyse: Son image et son public. Paris : PUF, 1961.

MÜLLER, Nice Lecocq. Industrialização do vale do Paraíba. Universidade de São Paulo, Instituto de Geografia, 1969.

OLIVEIRA, José Aldemir. As cidades da natureza, a natureza das cidades e o controle do território. 2014.

OLIVEIRA, José Aldemir. A cultura nas (das) pequenas cidades da Amazônia Brasileira. 2004.

PEREIRA, Heloisa Cecília Vilela, Inventário do Patrimônio Histórico e Cultural e o Desenvolvimento do Turismo no Município de Bananal-SP. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional do Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento. São Paulo: UNIVAP, 2000.

PPMA. Projeto de Preservação da Mata Atlântica. Sistema Ambiental Paulista, Governo do Estado de São Paulo, 2006. Disponível em: <http://www.ambiente.sp.gov.br/consema/files/2011/11/oficio_consema_2007_325/Historico_PPMA.PDF>. Acesso em 30 de abril de 2016.

RADSTROM, S. A PlaceSustaining Framework for Local Urban Identity: an Introduction and History of Cittaslow. Italian Journal of Planning Practice, Vol. I, issue 1, 2011.

RIBEIRO, L. M. A festa e o movimento tropeirista em Silveiras: a cidade esquecida, a cidade relembrada. Dissertação de Mestrado. Pontifícia Universidade Católica (PUC-SP), São Paulo, 2005.

RIBEIRO, R. Prefeitura de Bananal precisa devolver verba para receber do Estado. Outubro de 2014. Disponível em: <http://www.meon.com.br/noticias/regiao/prefeitura-de-bananal-precisa-devolver-verba-para-receber-do-estado>. Acesso em: 17 jun. 2016.

RUSCHEL, R. Entrevista com Paolo Saturnini, criador do Movimento CittaSlow. CittaSlow: a revolução urbana que respeita a alma. 2012. Dísponível em: < http://www.ruscheleassociados.com.br/2012/05/cittaslow-a-revolucao-urbana-que-respeita-a-alma/>. Acesso em: 05 maio 2016.

SANTOS, M. A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: Hucitec, 1996.

SANTOS, M. Por uma outra globalização. Rio de Janeiro-São Paulo: Record, 2000.

SOUZA, Marcelo Lopes. ABC do desenvolvimento urbano. Bertrand Brasil, 2003.

VILAS BOAS, S. M. B. Redesenho do espaço público para a vivência Slow. O caso da zona da Muralha Aveirense. Dissertação de Mestrado. Universidade Lusíada de Vila Nova de Famalicão. Faculdade de Arquitectura e Artes. Vila Nova de Famalicão, 2015.

VINUTO, Juliana. "A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto." Temáticas 44 (2016).

ZANETTI,, Valéria. Cidade e identidade: São José dos Campos, do peito e dos ares. PUC. São Paulo. 2008.